

HISTÓRIA

do Mês

n.º 42 | junho.18

ANTÓNIO SANTOS ROCHA: arqueólogo, coletor, colecionador e museólogo da Figueira da Foz e as suas explorações nas ruínas Lusitano-Romanas da Boca do Rio



CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO



Município
**Vila do
Bispo**

ANTÓNIO SANTOS ROCHA: arqueólogo, coletor, colecionador e museólogo da Figueira da Foz e as suas explorações nas ruínas Lusitano-Romanas da Boca do Rio

No ano de **1849** é criada, em Lisboa, a Sociedade Archeologica Lusitana, com a fundadora missão de inaugurar a investigação arqueológica nacional em pioneiras escavações nas [ruínas romanas de Tróia](#), na margem esquerda da foz do Rio Sado, momento que marcou o arranque institucional da ciência arqueológica em Portugal.

Três anos depois, em **1853**, nasce, na Figueira da Foz, António Augusto dos Santos Rocha, pródigo herdeiro do Iluminismo e do pensamento racionalista da modernidade industrial da segunda metade do século XIX.

Santos Rocha obtém o grau de Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, curso que conclui com distinção em **1875**. Ainda exerceu em Lisboa, todavia, cedo se desinteressa da advocacia, dedicando-se à vida cívica e autárquica, presidindo a Câmara Municipal da Figueira da Foz entre **1878** e **1880**.

Em setembro de **1883** realiza uma primeira viagem a Espanha, périplo do qual resulta a sua iniciática publicação de carácter historicista, *Cartas da Andaluzia*, obra que anuncia uma incrível jornada, sem retorno, no universo do conhecimento científico.

Sob a inspiradora égide de pioneiras personagens da Arqueologia e da Etnologia portuguesas, Santos Rocha dá, assim, início a uma marcante carreira de cientista social, aplicando a sua privilegiada condição, de primogénito de uma abastada família burguesa, na investigação e na divulgação científica, custeando as suas próprias explorações e adquirindo raros objetos culturais para a sua crescente coleção, ainda particular.

Foram especialmente profícuas as suas incursões científicas em terras algarvias. Na esteira de [Sebastião Filipes Martins Estacio da Veiga](#), vanguardista da investigação arqueológica da região, Santos Rocha explora diversos contextos arqueológicos no Algarve, promovendo quatro “excursões científicas”, realizadas entre **1894** e **1906**.

Justifica estas jornadas a Sul com o objetivo programático de identificar paralelos com achados pré e proto-históricos do Baixo Mondego e de outros locais do País, com vista à definição de uma origem comum nos alvares da existência do chamado “Homem Português”, epíteto devido a [José Leite de Vasconcelos](#), sua contemporânea referência e fundador do Museu Etnológico de Belém, em **1893**, o futuro Museu Nacional de Arqueologia, e editor d’*O Arqueólogo Português*, a partir de **1895**.

Em menos de 30 anos, Santos Rocha sistematiza e concretiza, de forma exemplarmente bem-sucedida, um completo programa arqueológico que o legitima, na história da Arqueológica Portuguesa, enquanto investigador de “corpo inteiro”: em **1886** dá início às suas explorações arqueológicas no Concelho da Figueira da Foz; no dia 6 de maio do ano de **1894**, na qualidade de fundador e diretor, inaugura o Museu Municipal da Figueira da Foz; em **1898** institui a Sociedade Archeologica da Figueira, dando estampa, em **1904**, ao respetivo *Boletim*, e, em **1905**, ao *Catálogo Geral do Museu*.

No Algarve, foram diversos os contextos arqueológicos onde se deteve, percorrendo algumas das referências publicadas por Estacio da Veiga, entre **1886** e **1891**, nos 4 volumes das suas *Antiguidades Monumentaes do Algarve - Tempos Prehistóricos*. Claro que também visitou o Concelho de Vila do Bispo!

Na Freguesia de Budens, na Praia da Boca do Rio, ainda encontrou os vestígios da escavação ali promovida por Estacio da Veiga, em **1878**. Na área das [ruínas Lusitano-Romanas](#), reveladas pelo tsunami de **1755**, Santos Rocha realizou algumas sondagens e recolheu diversos materiais arqueológicos, desde então integrados nas reservas do seu Museu, na Figueira da Foz.

Um século depois, em [maio de 2018](#), visitámos este impressionante museu, o seu acervo expositivo e as suas reservas, designadamente os materiais oriundos do estabelecimento Romano da Boca do Rio, previamente assinalados na bibliografia e no *Catálogo* produzidos por Santos Rocha no dealbar do século XX. Entre estes achados recolhidos pelo autor, destacam-se fragmentos de mármore, de estuque parietal pintado a fresco, de diversas peças cerâmicas, de *sigillatas*, de pequenos recipientes de vidro, uma agulha de osso e alguns pesos de rede globulares produzidos em cerâmica.

Além do contacto direto com os artefactos, foram recolhidas associadas informações bibliográficas e registadas algumas fotografias documentais, ficando um justo e especial agradecimento ao corpo técnico que, de forma francamente amável, nos acolheu numa visita à exposição permanente, à exposição de Curiosidades e Colecionismo e à área de reservas do museu.

Ao longo da sua existência, o [Museu Municipal da Figueira da Foz](#) conheceu diversas fases museológicas e sucessivas reinstalações em diferentes espaços físicos. Até **1899** ocupou a Casa do Paço, sendo nesse ano transferido para o andar nobre dos Paços do Concelho. Em **1910**, no dia 28 de março, morre António dos Santos Rocha. Em sessão solene realizada no dia 30 de março, a Câmara Municipal da Figueira da Foz delibera, por unanimidade e justamente, que o Museu Municipal se passe a designar por “Museu Municipal Dr. Santos Rocha”. Em **1975** o museu é transferido para o atual edifício, arquitetura concebida para o efeito com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

texto de Ricardo Soares
arqueólogo da Câmara Municipal de Vila do Bispo